



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

1

O CORPO COMO LINGUAGEM: NARRATIVAS DE SI NAS PRÁTICAS E CUIDADOS EM SAÚDE MENTAL

Magda do Canto Zurba
Hannah Theis
Suela M. Bernardes

RESUMO

Neste trabalho, investigamos as práticas e cuidados em Saúde Mental ao longo da história, apontando a trajetória que o simbolismo do corpo foi adquirindo. Buscamos estudar como a percepção do corpo influencia a recuperação do paciente e as possibilidades que a psicoterapia corporal pode oferecer na atenção em Saúde Mental.

Palavras-chave: Corpo. Cuidado. Saúde Mental.

Práticas de Cuidados em Saúde Mental e o Simbolismo do Corpo

*Tome doutor essa tesoura
E corte minha singularíssima pessoa.*
Augusto dos Anjos, Budismo Moderno¹

Este artigo tem como intuito apresentar o lugar do corpo na sociedade, o simbolismo adquirido e sua relação com a saúde mental. Busca-se compreender como o corpo é usado enquanto linguagem para possibilitar o cuidado em Saúde Mental.

Para tanto, torna-se necessário compreender a maneira como é percebido e representado ao longo da história. Para Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 24), “a história do corpo humano é a história da civilização”. As autoras apontam que o corpo é resultado de uma ação cultural que propõe sentidos diferentes ao longo da história. Isso se deve ao fato de que o corpo é o traço mais visível do ser, que se apresenta enquanto materialidade, enquanto marca e *fronteira do ser*” (Zurba, 2011). “Antes de qualquer coisa, a existência é

¹ *apud* ANTUNES, 1991, p. 159



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

2

corporal” (Lustosa & Rosa, p. 366).

Assim sendo, as práticas de cuidado sobre o corpo, essa materialidade que contém em si toda uma existência subjetiva, são determinadas historicamente por uma série de aspectos, como pela visão de ser humano de cada sociedade, pela visão de saúde e doença de cada qual, assim como pela concepção de ciência, razão e espiritualidade. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, tem-se um ideal de corpo treinado, produzido e glorificado. A sua valorização se dá conforme a saúde, a capacidade atlética e a fertilidade, qualidades em interação pela busca da perfeição (Barbosa, Matos e Costa, 2011). O prazer proporcionado pelo corpo era também restrito ao cidadão – homem – e isso significava o direito a uma conduta de “bom uso” dos prazeres, evitando-se os excessos. A eles eram permitidas práticas como a bigamia, a homossexualidade e a circulação com vestes soltas ou até nus, em determinados lugares (Barbosa, Matos e Costa, 2011). Quanto às práticas de cuidado e aos processos de cura, era comum o uso da música e da palavra de encantamento, reconhecendo-se o poder mágico de cura proporcionado pelas palavras, ferramentas por meio das quais se expeliam os *daimons*, espíritos nocivos da doença (Ramos, 2006, p. 24). Scliar (2007, p.32) constata a importância e força da religião politeísta na concepção de saúde e cura:

É verdade que, na mitologia grega, várias divindades estavam vinculadas à saúde. Os gregos cultuavam, além da divindade da medicina, Asclepius, ou Aesculapius (que é mencionado como figura histórica na *Ilíada*), duas outras deusas, Higiéia, a Saúde, e Panacea, a Cura. Ora, Higiéia era uma das manifestações de Athena, a deusa da razão, e o seu culto, como sugere o nome, representa uma valorização das práticas higiênicas; e se Panacea representa a idéia de que tudo pode ser curado - uma crença basicamente mágica ou religiosa -, deve-se notar que a cura, para os gregos, era obtida pelo uso de plantas e de métodos naturais, e não apenas por procedimentos ritualísticos.

Solié (1976, *apud* Ramos, 2006) reitera que a Antiguidade Clássica ainda tratava de seus enfermos em templos de incubação e tratamento holístico, que dispunham de ambientes belos e agradáveis para banhos especiais, terapêutica com ervas medicinais, arte teatral, sono e interpretação de sonhos.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

3

Estes centros modernos de recuperação da saúde eram mais de 200 e estavam espalhados pela Turquia, Grécia e Itália, de acordo com o autor.

Segundo Ramos (2006, p. 24) foram os gregos os “primeiros a separar a categoria espiritual da material e a desenvolver uma abordagem científica tal como hoje a conhecemos: observação, análise, dedução e síntese”. A inserção do olhar dicotômico e a cisão mente-corpo tantas vezes atribuídas a Descartes, tem início em Platão, segundo Villaça (1997), quando descreve a morte como a libertação da alma para que se torne ela mesma, tratando do corpo, assim, como materialismo mundano. “O idealismo e o materialismo, na verdade, se alternaram ou conviveram em sucessivos períodos, havendo, porém, uma predominância das visões que desvalorizavam o dado corporal” (VILLAÇA, 1997, p. 128).

Para Ramos (2006, p. 20), “a prática da ciência da cura reflete sempre a moral, a ética, os mitos e o nível de desenvolvimento psicológico da cultura em que se insere”. Assim sendo, e conforme a valorização da alma contrastava cada vez mais intensamente com a depreciação do materialismo do corpo ao longo da sociedade e cultura medieval, no cenário da luta da Saúde Mental, o corpo assumirá “um espaço de esvaziamento de sentidos, da perda das marcas identitárias, o que culmina na elaboração de um corpo em crise” (Lustosa e Rosa, 2012, p. 371).

Barbosa, Matos e Costa (2011) explicam que, com o cristianismo, os sentidos do corpo moldados pela busca da perfeição grega adquirem outros significados – por sua materialidade, consistia em barreira diante do espírito, e por isso fonte de pecado. A valorização da materialidade corporal se dava por meio da dor, e de resto, dever-se-ia mantê-lo coberto.

Ainda na Idade Média, o corpo trabalhador se destaca enquanto revela a cor da pele, o peso e demais traços daqueles que mantém contato direto com a terra (Barbosa, Matos e Costa, 2011). O corpo torna-se denúncia de uma função social.

Quanto aos prazeres e à vaidade, o cuidado de si, o cristianismo continua a negar tais experiências, incluindo com entusiasmo as punições sádicas aos pecadores (Foucault, 2004).



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

4

...esta subordinação hierárquica do corpo à mente sistematicamente degrada o corpo; seus apetites e desejos são encarados como cegos, obstinados anárquicos ou (no Cristianismo) radicalmente pecaminosos; pode ser encarado como a prisão da alma (PORTER, 1992, p. 304).

É um período em que se queimam e torturam bruxas, (segundo os cristãos) mulheres tomadas pelo demônio e que expressavam o domínio das trevas por meio de sua sexualidade. Barbosa, Matos e Costa (2011) parecem apontar que é o corpo feminino que inicia a subversão contra as amarras cristãs sobre o corpo, subversão esta que se intensifica com a poesia trovadoresca.

Segundo Foucault (1978, p.7), a lepra desaparece do mundo Ocidental em fins da Idade Média, e as gafarias, com suas lógicas de segregação e ritos análogos, permanecem estruturas obscuras, abandonadas, à espera de algo novo para ocupá-las. Com a crise da Idade Média e o advento do sistema capitalista, a sociedade certa vez teocêntrica, passa a adorar a Razão, a lógica da produção e um padrão de vida incompatível com a improdutividade e os incômodos sociais causados pela presença do louco (OLIVEIRA, 2009). Eis que, junto ao capitalismo, inicia-se a construção da *lógica manicomial* de inclusão social do louco neste espaço de exclusão pronto, oferecido pelos antigos leprosários. A Loucura passa a ser aquilo que transborda da singularidade submetida às normas da razão e da verdade do olhar psiquiátrico, e permanece até o século XVIII em complexos hospitalares compostos de casas de correção, caridade e hospedarias. Nestes lugares são institucionalizados a loucura, a pobreza, a libertinagem, a sodomia, a desordem, o rumoroso, o desatino e demais espíritos extravagantes. “Ao promoverem a exclusão e o isolamento asilar de ponderáveis segmentos sociais, os hospitais prestaram-se ao controle e disciplinamento da vida urbana” (ANTUNES, 1991, p. 161).

Numa perspectiva um tanto otimista, Delgado (2009) aponta o Manicômio não como uma instituição médica, mas como sendo o espaço arquitetônico projetado para proteger as pessoas do preconceito e da estigmatização social, assim como organização fundamental dos espaços



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

5

urbanos e do conhecimento médico da época. É um espaço que sorve para si – de acordo com Oliveira (2009, p.55) – uma lógica que diz respeito a olhares e posturas, mas também à objetificação de sujeitos, negando-lhes “o direito a formas de pensar ou existir que podem ser importantes para a preservação da individualidade e conservação do senso de identidade”. Seriam formas de pensar ou existir de valor inegável no que Goffman (2003) chama de “transição de pessoa a paciente”, posto que tem repercussões fundamentais no processo de internamento. Dentre estas repercussões, tem-se comumente a geração de sentimentos de abandono, deslealdade e amargura, aumentando a resistência ao *tratamento* e aumentando também a *necessidade* de práticas coercitivas por parte do quadro de funcionários do hospital. Para Foucault (1978, p. 112):

Na repressão do pensamento e no controle da expressão, o internamento não é apenas uma variante cômoda das condenações habituais. Tem um sentido preciso, e deve representar um papel particular: o de conduzir de volta à verdade através da coação moral.

Acerca da coerção e violência psicológica praticadas nestes espaços, Dreyfus e Rabinow (1995, p. 206), citam Foucault: “as pessoas sabem aquilo que elas fazem; freqüentemente sabem porque fazem o que fazem; mas o que ignoram é o efeito produzido por aquilo que fazem”. Também Slavich (1985, p. 161) contribui a este respeito:

Sejam quais forem as motivações pessoais de cada um ao subordinar o próprio trabalho às condições institucionalizadas e frustrantes típicas do hospital psiquiátrico, não há dúvida de que a violência institucional não é uma *vocação* dos enfermeiros, mas uma *função violenta* dentro dos limites prefixados da organização.

É no Renascimento, no entanto, com o surgimento do método científico, que a liberdade humana entra em voga nas preocupações filosóficas, e o corpo, por conseguinte, é colocado em evidência. Barbosa, Matos e Costa(2011) alegam que o corpo torna-se objeto de investigação e experiências, e a sua redescoberta é anunciada em importantes obras de arte.

O movimento possibilitado pelo início da Idade Moderna expandiu-se com o desenvolvimento da sociedade industrial, a estrutura urbana e o



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

6

fortalecimento do sistema capitalista. A noção de produtividade, não somente em voga, mas em franca glorificação, coloca o corpo em evidência, na medida em que seus movimentos físicos – calculados e manipulados – resultavam numa possibilidade de fonte de energia. Desprovido de criatividade, e oprimido na medida em que o poder disciplinar o regia, o corpo torna-se máquina. “Assim, o ser humano é colocado ao serviço da economia e da produção, gerando um *corpo produtor* que, portanto, precisa ter saúde para melhor produzir e precisa adaptar-se aos padrões de beleza para melhor consumir” (Barbosa, Matos e Costa, 2011, p. 28).

O desenvolvimento técnico-científico e a crescente circulação de discursos possibilitou a ampliação dos papéis e práticas do corpo. As práticas antimanicomiais, de desinstitucionalização e reinserção social de loucos, apoiadas pela construção de dispositivos de atenção psicossocial no espaço de convívio urbano, a exemplo das experiências inglesas, estado-unidenses, francesas e italianas contribuíram para novas práticas e perspectivas de cuidado em saúde mental também no Brasil.

O cenário brasileiro começa por organizar-se contra a violência e coerção praticadas nas suas instituições psiquiátricas somente em fins dos anos 70. É em 1978, em meio a movimentos pela liberdade, pelos direitos humanos e pelo fim da ditadura militar, que irrompe a greve da Divisão Nacional de Saúde Mental (DINSAM) devido às más condições físicas, psicológicas e de remuneração dos profissionais e bolsistas, trazendo uma série de denúncias à tona – como agressão, estupro, trabalho escravo e mortes não esclarecidas (AMARANTE, 1995). Surge então o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental (MTSM), com o intuito de organizar um espaço de luta não institucionalizado para a resolução dos diversos problemas citados, e tendo como objetivo inicial a modernização dos sistemas de cuidado em saúde mental (Oliveira 2009).

A criação e implementação do Sistema Único de Saúde no Brasil materializa em nosso país a crise epistemológica que vinha acompanhando o século XX desde o seu início, uma vez que sua proposta, de modificação realista da sociedade apoiada em suas necessidades e possibilidades culturais,



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

7

questiona as propostas da medicina tradicional e das atitudes científicas modernas (Zurba, 2011).

Abalados os pilares da ciência moderna, as características da pós-modernidade junto às condições sociais e movimentos midiáticos implicam numa nova possibilidade de concepção do corpo.

O que se percebe é que uma leitura do corpo como construto narcísico-hedonista, disciplinado pelas regras da estilização geral da sociedade pós-industrial, pode incidir numa versão redutora do papel do corpo hoje. [...] as medicinas alternativas e a desconstrução do corpo enquanto produto cultural se inscrevem na órbita utópica de busca de uma perfeição que desconsidera nossa real inserção no mundo (VILLAÇA, 1997, p. 126).

Para Barbosa, Matos e Costa (2011, p.28), a crescente exposição do corpo às mídias e redes sociais causa uma nova forma de individualismo, uma solidão desprotegida que põe o corpo à prova em sua ausência de contato, e se torna visível na expressão corporal cotidiana, havendo segundo as autoras, uma “diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo”.

A necessidade humana. Nos nossos dias, de se encaixar neste padrão estético, parece desencadear uma imagem em crise, (...) esta crise do corpo será conseqüente da crise dos fundamentos da nossa cultura, associando-se também à crise do próprio sujeito. É interessante notar como os discursos que normalizam o corpo, sejam eles científico, tecnológico, publicitário, médico, estético, vão tomando conta da vida simbólica/ subjetiva do indivíduo, invadindo as dimensões expressivas e simbólicas da corporeidade, fornecendo imagens e informações que reconfiguram o próprio âmbito da vivência corporal (Barbosa, Matos e Costa, 2011, p. 29).

As autoras citam Turner (1994), para o qual o século XX possibilitou uma “sociedade somática”, ou seja, uma sociedade na qual o corpo expressa problemas morais e políticos, sobre os quais se pode (ou deve?) intervir, seja reduzindo, aumentando, moderando, corrigindo, medicalizando ou melhorando, de acordo com a idealização adequada ao caso. “Todavia, todo este cuidado com o corpo e todas as técnicas que se desenvolvem no interesse da sua



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

8

preservação, não fazem mais do que demonstrar a crise do corpo, a *crise da Modernidade*” (Barbosa, Matos e Costa, 2011, p. 30).

Nesse sentido pode-se pensar em uma linha cada vez mais tênue também entre práticas de cuidado e mercadoria. Novas questões surgem a partir disso: cuida-se do corpo ou consome-se ao pintar as unhas? Ao usar filtro solar? Ao reduzir a gordura corporal por meio de intervenções cirúrgicas?

Essa reconfiguração das práticas de cuidado se dá no momento histórico do capitalismo de *super produção*, e o corpo é percebido como capaz de consumir e ser consumido, isto é, o capitalismo tardio permite um hedonismo tratado pelas autoras como “corrosivo”, na medida em que faz do corpo sujeito de desejo e divertimento, um projeto pessoal orientado para um mercado de consumo. O hedonismo corrosivo destas autoras é reiterado por Villaça (1999), segundo a qual a banalização do corpo, ou seja, o esvaziamento de seus significados e a coisificação de sua ação no mundo traduz a perda do discurso, uma crise da narrativa de si, que implica na indiferenciação “democrática” dos sujeitos pós-modernos.

Tem-se então uma nova proposta de corpo pós-moderno: o corpo da fragmentação, imbuído de autonomia e poder de simulação – “uma aparência sem realidade” (Barbosa, Matos e Costa, 2011, p. 30). Em sua superficialidade e capacidade criativa, convida os sujeitos a relacionarem-se consigo mesmos, e a partir de si estabelecerem relações com o mundo e com os outros. Isso se dá por meio de identidades frágeis e instáveis, que correspondem às vulnerabilidades e oscilações do corpo fragmentado.

Por outro lado, está o avanço tecnológico, desenvolvendo as possibilidades de ser sem corpo – o que Barbosa, Matos e Costa (2011) chamam de *cyborgs (cyber bodies)*, “organismos híbridos, cujas funções fisiológicas são realizadas com ajuda de máquinas” (p. 31). Citando Le Brenton (1999) as autoras afirmam que nunca, tal qual acontece atualmente, as sociedades ocidentais necessitaram tão pouco do seu corpo para moverem-se, de modo que se possa alegar a perda progressiva de uma “ancoragem corporal”. É na medida em que a utilidade do corpo é questionada que ele



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

9

adquire cada vez mais definitivamente a sua função de mercadoria. E para um corpo-mercadoria constroem-se uma série de terapias.

O corpo como linguagem: Psicoterapia Corporal

A Psicoterapia Corporal surge no sentido contrário da mercantilização do corpo. Inicia-se com os trabalhos de Reich, veemente crítico da sociedade mercantil, questionador dos sofrimentos por ela causados. Reich propõe clínicas para a conscientização gratuita da população quanto às possibilidades de existir no mundo de seus corpos, assim como facilita por meio de uma rica teoria um olhar humanizado em relação à subjetividade que se manifesta fisicamente. Para Reich, “o trabalho analítico tornava-se mais completo quando o caráter do paciente era analisado como um todo e não apenas a análise do sintoma isolado, como era proposto pela Psicanálise” (VOLPI, 2000, p. 34). Ou seja, a psicoterapia cujas raízes se findavam a partir de iniciativas reichianas propõe antes de tudo um olhar ampliado sobre o sujeito. Mas até onde se estende este olhar?

Considerando-se que “[...] a maneira como existimos é determinante para definir forma e conteúdo dos sintomas somáticos e psicossomáticos que podemos desenvolver ao longo da vida” (Zurba, 2011, p. 05), a Psicoterapia Corporal valoriza o corpo como sendo “o modo como o indivíduo fica perante a vida, ou seja, sua postura básica como ser humano, revela-se de modo dramático em seu corpo” (LOWEN, 1982, p. 82). Ou seja, o corpo, enquanto fisicalidade, é também depositário de uma linguagem que não sabe esconder as construções subjetivas diante da experiência de ser-no-mundo. Lowen (1982, p.87) afirma que “o corpo não mente. Mesmo que a pessoa procure omitir seus verdadeiros sentimentos atrás de atitudes ou posturas artificiais, seu corpo denunciará a impostura pelo estado de tensão criado”.

Entendemos, enfim, a Psicoterapia Corporal como a descreve Federico Navarro (1996, p. 9): “[...] não é uma técnica de liberação emocional, é mais um projeto do que um programa, é uma tática para uma estratégia – aquela utopia



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN – 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

10

que Reich propôs nos seus textos e foi retomada indiretamente, sem o saber, por Basaglia – o contato humano para reencontrar a alegria de viver [...]”.

E enquanto propõe o contato, propõe também um olhar cuidadoso ao sujeito que promove este contato. Zurba (2011) propõe uma interessante reflexão acerca do papel do profissional em Saúde Mental: cabe a ele um olhar empático ao sujeito enquanto imerso em experiências subjetivantes, que fundamentam construções simbólicas e contribuem para a manutenção de sintomas, que nada mais são do que a linguagem possível do corpo inserido na pós-modernidade. É relevante então, segundo a autora, que o profissional em saúde mental pense em práticas de cuidado compreensivas ao ajustamento criativo dos sujeitos atendidos, ou seja, numa perspectiva segundo a qual existe um movimento no sintoma, de expressão do processo dialético de construção de significados entre o sofrimento interno e a vivência do corpo no meio externo.

Schnake (1995, p. 63) faz uma importante afirmação quanto à negligência corporal ao longo da história mais recente:

Durante siglos hemos sido inducidos a la ignorancia. El mundo que nos rodea se ha llenado cada vez más de ruidos destinados a hacernos más sordos a nuestros propios mensajes, y nuestro cuerpo ha perdido la capacidad de darse cuenta hasta de lo más Elemental.

Suas palavras têm especial valor porque retratam a perda de uma sensibilidade que a Psicoterapia Corporal se propõe a recuperar: a capacidade de alcançar, através do corpo, no mínimo, o elementar.

Assim sendo, Lowen (1982, p. 90) reforça que “para lermos a linguagem do corpo é preciso estarmos em contato com o nosso próprio corpo e sermos sensíveis às suas expressões”.

Há uma série de autores que deram continuidade à teoria iniciada por Wilhelm Reich, como Federico Navarro, Alexander Lowen com a Bioenergética e Eva Reich com a bioenergética suave. É fundamental pontuar, contudo, que a principal contribuição destes autores é a recusa em fragmentar o sujeito, ou



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XIII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

11

seja, em afirmar que a única possibilidade de prática em saúde mental é por meio de uma ação humanizada e voltada a tratar de um sujeito integral.

Considerações Finais

E assim, partindo-se da concepção de que o ser humano é um ser integral, acreditamos que a sua fragmentação torna-se inconcebível. O corpo é, sobretudo, a expressão da linguagem do sujeito, ou seja, é a possibilidade de exteriorização dos conflitos, vivências e sentimentos.

Percebe-se ainda a negligência do corpo como narrativa de si, como possibilidade de inserção na sociedade pós-moderna. O sintoma surge então como expressão de uma ocorrência disfuncional, que precisa ser olhado e escutado. Ao compreender que somos corpo, alma e sociedade, compreendemos que todas essas formas de ser no mundo são a própria expressão da subjetividade. Negar alguma dessas expressões é negar o sujeito.

Assim sendo, pode-se considerar a psicoterapia corporal como facilitadora de um olhar cuidadoso para um sujeito em sua integralidade, entendendo o corpo como um local de linguagem e expressão, fundamental para a construção de um projeto de cuidado em saúde mental, humanizado e holístico.

.....

REFERÊNCIAS

AMARANTE, P. (Coordenador). Loucos pela Vida – A Trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1995.

ANTUNES, J., L. F. **Para a história do hospital: origens do hospital contemporâneo**. Em: Hospital: Instituição e história Social. São Paulo: Ed. Letras e Letras, 1991. SCLIAR, M. **História do Conceito de Saúde**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, vol. 17, no. 1, p. 29-41, 2007.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XII, 2013. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

12

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje.** Psicologia & Sociedade, vol. 23, no. 01, p.24-34, 2011.

DELGADO, P. **Humanismo, Ciência e Democracia: os princípios que nortearam a transição para o novo modelo de assistência aos portadores de sofrimento psíquico.** Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, vol. 1, no. 1, 2009.

FOUCAULT, M. **A História da Loucura.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 28a. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOFFMAN, E. **A Carreira moral do doente mental.** In: Manicômios, prisões e conventos. 7a. Ed. São Paulo: Perspectiva, p.109-124, 2003.

LOWEN, A. **Bioenergética.** São Paulo: Summus, 1982.

LUSTOSA, A. F. M.; ROSA, L. C. S. **Os limites do corpo: a construção de sentidos para o corpo em crise no contexto da Saúde Mental.** In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; BARROS JUNIOR, Francisco de Oliveira (Orgs.). Corpografia: multiplicidades em fusão. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

NAVARRO, F. **Metodologia da vegetoterapia caracterológico-analítica: sistemática, semiótica, semiologia, semântica.** São Paulo: Summus, 1996.

OLIVEIRA, W. F. **Éticas em conflito: reforma psiquiátrica e lógica manicomial.** Florianópolis: Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, vol 1, no. 2, 2009b. PORTER, R. **História do Corpo.** In: BURKE, P. A escrita da história :novas perspectivas. Sao Paulo :UNESP, 1992.

RAMOS, Denise Gimenez. **A Psique do Corpo – A dimensão simbólica da doença.** 3a. Ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Summus, 2006.

SCHNAKE, A. **Los dialogos del cuerpo.** Santiago de Chile: Cuatro Vientos, 1995.

VILLAÇA, NIZIA. **De tabu a totem: bundas.** In: Em Pauta: corpo, globalização e novas tecnologias. Rio de Janeiro: Mauad – CNPq, 1999, p. 93-98.

VILLAÇA, NIZIA. **Procura-se um corpo desesperadamente.** Rio de Janeiro: Revista Lugar Comum, no. 1, p. 125-133, 1997

VOLPI, José Henrique. **Psicoterapia Corporal: um trajeto histórico de Wilhelm Reich.** Curitiba: Centro Reichiano, 2000.

ZURBA, M. C. Psicossomática: gênese e intervenção em Psicologia da Saúde. In: Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro de Psicoterapias Corporais, XVI, XI, 2011. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2011.

.....



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

ZURBA, Magda do Canto; THEIS, Hannah; BERNARDES, Suela M. O corpo como linguagem: narrativas de si nas práticas e cuidados em saúde mental. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVIII, XII, 2013. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2013. [ISBN - 978-85-87691-23-1]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

13

AUTORAS

Magda do Canto Zurba/SC, Psicóloga (CRP-12/015750, doutora, mestre, pesquisadora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Florianópolis, SC). Há anos desenvolve pesquisas e intervenções na área, contando com inúmeros trabalhos científicos de respaldo nacional e internacional. Desenvolve trabalho contínuo em psicologia da saúde, apoiando familiares e pacientes atendidos nas esferas da saúde pública (hospitalar, CAP's e atenção primária). Supervisora clínica no Hospital Universitário (HU/UFSC) e na Atenção Primária (Postos de Saúde/Florianópolis).

E-mail: magda.zurba@ufsc.br

Suela Bernardes/SC, Psicóloga (CRP 12/05617), Especialista em Psicologia Hospitalar e da Saúde e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Mental (UFSC).

E-mail: suelabernardes@gmail.com

Hannah Theis/SC, Psicóloga (CRP 12/10859) e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Saúde Mental (UFSC).

E-mail: hannah.theis@gmail.com

